

À MARGEM DO CÓDIGO

Peça em 3 actos de LUÍS BARRETO DA CRUZ.

Representada pela primeira vez no Teatro Nacional, em 25 de Janeiro de 1910.

[...]

Duas cenas: uma sala ricamente mobilada (1.º e 3.º actos) e antecâmara de uma alcova (2.º acto). Acção em Lisboa, no final da monarquia.

Especulações mais ou menos fraudulentas na Bolsa, compromissos com certa imprensa estrangeira corrupta, conluíus e negócios obscuros, conduziram o Conde de Campos à beira da ruína. Ao mesmo tempo, a suspeita de que sua sobrinha Marta ama o guarda-livros Pedro, o que ele não pode admitir dada a diferença de classes, e o fracasso da vida conjugal de sua filha Helena, que se agita num mundo de frivolidades entre os gastos exorbitantes na modista, as «récitas francesas» e a indiferença do marido, constituem para o velho banqueiro outros tantos motivos de preocupação. Também o visconde de Vilar, marido de Helena, tem graves problemas financeiros, já que arriscou e perdeu somas enormes de sociedade com seu cunhado Jorge, que é de todos o único a ter ainda consciência, recusando-se, em nome da dignidade que lhe resta, a ir mais longe nos actos ilegais a que ele e o visconde têm recorrido. Debalde tenta este convencê-lo com «palavras de um revoltado, do último rebento duma raça atavicamente ociosa, que viveu da conquista, da violência, da rapina, seleccionada para esse fim da mesma forma como se apuram raças cavaleiras». Mas Jorge falsificou a assinatura em documentos de dívida e seduziu Marta, que dele espera um filho. Esta dupla revelação, pondo em risco «isso a que chamam honra», leva o Conde a querer expulsar de casa o filho e a sobrinha. Um tiro põe termo à vida de Jorge e fim ao drama, cuja moral reside na condenação, retoricamente expressa, de uma sociedade para quem «o código penal é um velho alfarrábio em que as leis são garatujas com artigos e parágrafos. Os que o seguem escrupulosamente e fazem dele uma religião são poucos, infelizmente: os ingénuos e os tolos. Os que com ele se não conformam, os rebeldes, são os criminosos, gente miserável, fora das leis sociais, perdidos no abismo. Mas o Código tem margens em branco, por onde os espertos caminham, tão estreitas que o equilíbrio é difícil. Os que conseguem, porém, a estabilidade, riem dos homens, sem lhes sofrerem os rigores com que defendem as suas paixões e os seus vícios».

Luiz Francisco Rebello. *100 anos de teatro português (1880-1980)*. Porto: Brasília Editora, 1984, pp. 143-144.

Autorização de utilização por despacho de 28/06/2017 emitido pela Senhora Diretora Geral do Património Cultural Arqtª Paula Silva.